

A POESIA SIMBOLISTA PORTUGUESA

META

Estudar textos dos principais poetas simbolistas portugueses.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

estimular a sensibilidade para melhor sentir o fenômeno poético;

caracterizar a poesia dos principais representantes da estética simbolista em Portugal;

relacionar os textos ao contexto histórico de produção;

entender a importância do Simbolismo para a transformação da poesia portuguesa.

PRÉ-REQUISITOS

Aula no 1 – sobre o Simbolismo e sua caracterização.

INTRODUÇÃO

Caro aluno,

Nesta aula é hora de estudar poemas. É a hora mais importante. Por quê? Lembre-se de que estudar literatura não é apenas entender o momento histórico, não é apenas entender as características da escola literária. Isso tudo constitui apenas preparação para a leitura dos textos produzidos pelos autores mais representativos. É através da leitura dos textos literários que podemos conhecer a literatura de um país. Então, mãos à obra! Vamos ler, mas vale aqui uma boa proposta: na primeira leitura de qualquer poema, desarme-se. Vamos fazer uma experiência para que, antes de qualquer atitude de análise, seja possível sentir o texto. Entregue-se, primeiro, ao prazer de ler, à leitura de fruição. Capte a beleza da linguagem e, em seguida, curta a representação das emoções. Em um dado momento é possível também reconhecer-se no texto. Sim, porque é de nós, é do indivíduo, é do homem que a literatura fala. Isso não pode ser esquecido; é esse o caminho para amar nosso objeto de estudo.

EUGÊNIO DE CASTRO

Os autores mais representativos do Simbolismo português são: Eugênio de Castro, Camilo Pessanha e Antônio Nobre. É para eles que se voltam agora nossos olhos. É a publicação da obra *Oaristos*, em 1890, de Eugênio de Castro que assinala a introdução do Simbolismo em Portugal. O poeta nasceu em Coimbra, em 1869 e morreu em 1944. Sua obra apresenta duas fases: a primeira é considerada simbolista. Mas depois não prossegue no novo ideário. Já no início do século XX retorna a um neoclassicismo sem muita expressão, porque não deu continuidade à evolução poética dentro da nova estética. Mas sua obra *Oaristos* abriu novos rumos para a poesia portuguesa; daí sua importância quando se quer estudar a evolução poética em Portugal. Abaixo vamos estudar um poema de Eugênio de Castro que é uma obra prima no que diz respeito à presença das características do Simbolismo.

UM SONHO

Na messe, que enlourece, estremece a quermesse...
O Sol, o celestial girassol, esmorece...
E as cantilenas de serenos sons amenos
Fogem fluidas, fluindo à fina flor dos fenos...

As estrelas em seus halos
Brilham com brilhos sinistros...
Cornamusas e crótalos,
Cítolas, cítaras, sistros,
Soam suaves, sonolentos,
Sonolentos e suaves,
Em suaves,
Suaves, lentos lamentos
De acentos
Graves,
Suaves...

Flor! enquanto na messe estremece a quermesse
E o Sol, o celestial girassol esmorece,
Deixamos estes sons tam serenos e amenos,
Fujamos, Flor! à flor destes floridos fenos...

Soam vesperais as Vésperas...
Uns com brilhos de alabastos,
Outros louros como nêspas,
No céu pardo ardem os astros...

Como aqui se está bem! Além freme a quermesse...
- Não sentes um gemer dolente que esmorece?
São os amantes delirantes que em amenos
Beijos se beijam, Flor! à flor dos frescos fenos...

As estrelas em seus halos
Brilham com brilhos sinistros...
Cornamusas e crótalos,
Cítolas, cítaras, sistros,
Soam suaves, sonolentos,
Sonolentos e suaves,
Em suaves,
Suaves, lentos lamentos
De acentos
Graves,
Suaves...

Esmaiece na messe o rumor da quermesse...
- Não ouves este ai que esmaiece e esmorece?
É um noivo a quem fugiu a Flor de olhos amenos,
E chora a sua morta, absorto, à flor dos fenos...

Soam vesperais as Vésperas...
Uns com brilhos de alabastros,
Outros louros como nêspas,
No céu pardo ardem os astros...

Penumbra de veludo. Esmorece a quermesse...
Sob o meu braço lasso o meu Lírio esmorece...
Beijo-lhe os boreais belos lábios amenos,
Beijo que freme e foge à flor dos flóreos fenos...

As estrelas em seus halos
Brilham com brilhos sinistros...
Cornamusas e crótalos,
Cítolas, cítaras, sistros,
Soam suaves, sonolentos,
Sonolentos e suaves,
Em suaves,
Suaves, lentos lamentos
De acentos
Graves,
Suaves...

Teus lábios de cinábrio, entreabre-os! Da quermesse
O rumor amolece, esmaiece, esmorece...
Dá-me que eu beije os teus morenos e amenos
Peitos! Rolemos, Flor! à flor dos flóreos fenos...

Soam vesperais as Vésperas...
Uns com brilhos de alabastros,
Outros louros como nêspas,
No céu pardo ardem os astros...

Ah! não resistas mais a meu ais! Da quermesse
O atroador clangor, o rumor esmorece...
Rolemos, ó morena! em contactos amenos!
- Vibram três tiros à florida flor dos fenos...

As estrelas em seus halos
Brilham com brilhos sinistros...
Cornamusas e crótalos,
Cítolas, cítaras, sistros,
Soam suaves, sonolentos,

Sonolentos e suaves,
Em suaves,
Suaves, lentos lamentos
De acentos
Graves,
Suaves...

Três da manhã. Desperto incerto... E essa quermesse?
E a Flor que sonho? e o sonho? Ah! tudo isso esmorece!
No meu quarto uma luz luz com lumes amenos,
Chora o vento lá fora, à flor dos flóeos fenos...

(DE CASTRO, 1987, p. 23)

Talvez vocês tenham achado o poema um pouco longo. Estivemos todo esse tempo acostumados à leitura de sonetos, forma fixa composta de dois quartetos e dois tercetos e que predominou em toda a literatura portuguesa até agora. Lembrem-se de que os simbolistas vão contribuir para uma renovação formal sem a qual não seria possível a poesia moderna? Observaram que se trata de um texto mais livre? Fizeram a leitura emotiva que sugeri? Sentiram a beleza do texto? Insistirei outras vezes para que você vá, aos poucos, trabalhando sua própria sensibilidade poética. Sentir o texto, achá-lo bonito ou interessante é um bom começo.

Em *Um Sonho*, a beleza poética decorre de figuras sonoras que sustentam a musicalidade do texto. Observem a repetição do fonema *s* em praticamente quase todos os versos e em especial no verso Na messe que enlourece estremece a quermesse. No plano formal do poema constata-se a presença de ecos, aliteraões e refrão, o que transforma o texto em uma peça musical. A simbiose entre o poema e a música é perfeita. Também coerente com o código simbolista, vemos que o poema apenas evoca, sugere sem descrever, sem apontar, sem definir. Como bem diz Massoud Moisés, “malgrado o sensualismo presente, a atmosfera é rarefeita.” (MOISÉS, 1976, p. 393) Que quer dizer atmosfera rarefeita? No poema, os verbos amolecer, esmaecer, esmorecer trabalham para representar a fluidez. Rarefeito é o que é fluido, diluído, impreciso. Recordam-se da pintura impressionista com sua marcante ausência de nitidez? O mesmo ocorre agora no poema. Tudo isso fica ainda mais fácil de entender se atentarmos para o título da composição: Um Sonho. Sabemos que os sonhos são sempre, em oposição à realidade objetiva, vagos e imprecisos; muitas vezes também incoerentes. Quando acordamos e procuramos lembrar um sonho temos uma dele vaga lembrança. O mundo dos sonhos é também fluido, incerto. E o poema em estudo quer representar a situação onírica. Veja, na última estrofe, o choque entre o sonho e o despertar: Três da manhã. Desperto incerto ... E essa

querresse? E a Flor que sonho! e o sonho? Ah! tudo isso esmorece! O eu lírico revela-se cheio de incertezas diante do que sonhou.

De uma beleza literária impar, o poema também nos oferece uma concretização da teoria das correspondências, estudada na aula anterior. Lembram-se da proposta de Baudelaire? Lembram-se da proposta de equivalência e/ou fusão do mundo espiritual com o material? No poema os elementos da realidade objetiva como sol, flor, estrela, nêspas se fundem com a sonoridade dos versos e soam suaves, sonolentos, sonolentos e suaves/ em suaves / suaves, lentos lamentos / de acentos / graves, suaves, lentos lamentos / de acentos / graves / suaves... Uma união carnal também é sugerida dentro da atmosfera rarefeita – observem no poema a presença dos amantes delirantes que se beijam e rolam pelos frescos feno, fundindo-se ao ambiente da colheita (messe) que vai terminando no entardecer.

Estão lembrados também quando, na aula passada, dissemos que os simbolistas gostam do movimento? No poema, o que está em pauta é a transição, é a passagem do dia que termina, da querresse que se decompõe. É o movimento que o poeta quer registrar e para isso, decompõe a cena, estremecendo a querresse. Quanto à visão de mundo pode-se perceber a tristeza se opondo à alegria ou, melhor, a ela fundindo-se. Esse é o eixo central do texto. Agora, vamos propor uma atividade que, acreditamos, poderá levar o aluno a descobrir melhor os significados do poema.

ATIVIDADES



1. Leia o poema em voz alta para perceber a repetição dos sons, e a musicalidade que daí decorre.

2. Utilize um dicionário e procure o significado das seguintes palavras:

Cantilenas _____

Cornamusas _____

Crótalos _____

Cítolas _____

Cítaras _____

Sistros _____

Vésperas _____

Nêspas _____

3. Para além do significado do dicionário que significam as palavras acima para a compreensão do poema?

4. Tristeza e alegria estão fundidas poeticamente no poema. Você seria capaz de apontar versos representativos dos dois sentimentos?

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Para cumprir a atividade o aluno deverá reler o poema tantas vezes quantas forem necessárias. Além disso para atingir a compreensão poética, é preciso deixar-se levar também, praticamente, pela sonoridade marcante. Em seguida poderá apontar no texto o que foi pedido

CAMILO PESSANHA

Vamos agora estudar o autor mais importante do Simbolismo português. Inicialmente daremos sobre ele alguns dados biológicos para, em seguida, estudar os poemas. Camilo Pessanha nasceu em Coimbra em 1867 e faleceu em 1926. Cursou Direito na sua cidade natal mas lá não permanece todo o tempo. Foi viver em Macau, colônia portuguesa na China, como professor de liceu. Retornou várias vezes a Portugal e numa dessas ocasiões, travou contato com Fernando Pessoa, sobre quem vai exercer uma enorme influência.

A linguagem poética de Camilo Pessanha é moderna, é mais precisa e não é rebuscada: o poeta está abrindo as portas para a poesia do século XX. Vamos agora à leitura de dois sonetos, após a qual faremos a análise.

SONETOS

1. Foi um dia de inúteis agonias.
Dia de sol, inundado de soll...
Fulgiam nuas as espadas frias...
Dia de sol, inundado de soll...

Foi um dia de falsas alegrias.
Dália a esfolhar-se – o seu mole sorriso...
Voltavam os ranchos das romarias.
Dália a esfolhar-se, – o seu mole sorriso...

Dia impressível mais que outros dias.
Tão lícido... Tão pálido... Tão lindo!...
Difuso de teoremas, de teorias...

O dia fútil mais que os outros dias!
Mínuete de discretas ironias
Tão lícido... Tão pálido... Tão lícido!...

(MOISÉS, 1976, p. 412)

2. Tenho sonhos cruéis: n'alma doente
Sinto um vago receio prematuro,
Vou a medo na aresta do futuro,
Embebido em saudades do presente...

Saudades desta dor que em vão procuro
Do peito afugentar bem rudemente,
Devendo, ao desmaiar sobre o poente,
Cobrir-me o coração dum véu escuro!...

Porque a dor, esta falta de harmonia,
Toda a luz desgrenhada que alumia
As almas doidamente, o céu d'agora,

Sem ela o coração é quase nada:
Um sol onde expirasse a madrugada,
Porque é só madrugada quando chora.

(MOISÉS, 1976, p. 410)

Leia atentamente a 1ª estrofe do primeiro soneto e confira a oposição do sol com as espadas frias. A palavra *dia* vai-se repetir por todo o poema. Mas que de que *dia* se trata? É um dia inundado de sol mas é um dia de inúteis agonias, de falsas alegrias. É um dia impreciso, vago, fluido, bem ao gosto da geração simbolista. De novo, remetamos o aluno à aula passada quando estudamos a pintura impressionista. O *dia* é registrado no soneto, no primeiro verso do primeiro terceto como *dia* impressível, quer dizer, relativo à impressão, à imprecisão. Mas que impressiona por ser diferente. É lícido e pálido ao mesmo tempo, é difuso. É um dia essencialmente simbolista. Poeticamente simbólico. Observe, caro aluno, mais uma vez, a decomposição dos elementos da realidade objetiva: a *dália* esfolha-se, ou seja, desmancha-se, o sorriso é mole. A realidade se decompõe em impressões e nos repete à mesma imagem do poema anterior – a imagem da quermesse que esmorece. No último terceto, em seu primeiro verso, o *dia* é registrado poeticamente como *fútil*, ou seja, vazio, oco de sentido. E a palavra *minuete* (2º verso do último terceto) nos remete à dança e à música. *Minuete* significa uma antiga dança francesa e a música que acompanhava a dança. Então se o *dia* é um *minuete*, ele é também uma música, uma dança, algo que, por seu movimento, não pode ser estaticamente apreendido. De novo, como no poema *Um Sonho*, a mistura da alegria com a tristeza: um dia de sol, inundado de sol nos remete à alegria, mas os outros índices de tristeza também estão presentes. A tristeza é essência do estado de alma do poeta simbolista.

No segundo soneto tomamos a dor como palavra-chave para a leitura. O aluno pode reler e conferir que há um conceito de dor no primeiro terceto: a dor como falta de harmonia. Bem vemos aí que não se trata necessariamente da dor física mas da dor existencial. A dor como falta de harmonia é própria do mal-estar na civilização, do qual muito nos fala Freud. Em outras palavras a dor é o sofrimento, que acompanha o indivíduo em sua existência; é causa e efeito, princípio e fim; é DOR com maiúscula porque é universal e inerente ao ser humano. Camilo Pessanha é, por isso, pela profundidade dessa visão, chamado, o poeta da DOR, que é um traço tão marcante da humanidade.

Podemos agora unir o texto ao seu contexto histórico. Lembram-se da aula passada quando no item Momento histórico expusemos a caracterização do final do século XIX em Portugal? Lembram-se quando falamos do decadentismo, das condições sociais e políticas adversas ao homem português? Podemos então dizer que o soneto de Camilo Pessanha reflete o estado de espírito, reflete o seu contexto de produção. A Dor é cósmica, é universal, mas é também portuguesa. É a Dor do momento histórico, da transição da monarquia para a república, do ultimato inglês, da crise econômica e política. Tudo isso produz um estado de alma específico. Pedimos ao aluno que releia o item Momento histórico da aula passada e entenda, mais uma vez, que a literatura é produto de uma sensibilidade poética que não é autônoma. É enraizada na cultura, na sociedade, na História.

Podemos agora concluir nosso estudo sobre Camilo Pessanha e, para fazê-lo recorreremos a Abdala (ABDALA JÚNIOR, 1982, p. 130):

A dor é uma constante nos poemas de Camilo Pessanha. Ela vem do pessimismo, do decadentismo francês e do budismo que o poeta conheceu em Macau (Chile), onde trabalhou para o governo português. Vía o mundo como que formado por ilusão e dor:

A dor, deserto imenso,
Branco deserto imenso,
Resplandecente e imenso,
Foi um deslumbramento,
Todo o meu ser supremo,
Não sinto já, não penso,
Pairo na luz, suspenso.
Num doce movimento.

A intelectualização dos poemas de Camilo Pessanha veio de sua formação universitária. Talvez pelo fato de ser filho natural e viver em uma sociedade que lhe parecia em degenerescência, a adesão à estética decadentista – simbolista não vai ser para ele simples modismo – era interior. Parecia que ele cumpria um fado existencial, um destino triste. Sentia-se um exilado do mundo, desintegrando-se como o mundo que observava e vivenciava.

A obra poética de Camilo Pessanha foi reunida em *Clépsidra* (1920). Numa edição posterior (*Clépsidra e outros poemas*, 1969), temos uma recolha mais completa. O autor deixou ainda obra em prosa e ensaios. (CHINA, 1944).

ANTÔNIO NOBRE

Nasceu no Porto em 1867 e, como era de costume naquela época, foi para Coimbra a fim de estudar Direito, mas desgostou-se com o ambiente estudantil e vai viver em Paris onde entra em contato com o Simbolismo francês, fato decisivo para sua vida poética. É lá que publica o *Só*, em 1892. Caro aluno, é interessante saber que Antônio Nobre publicou apenas este livro de poesia, ainda vivo. Sua vida foi curta e marcada pela doença, pelo mal do século, que era a tuberculose, moléstia grave e para a qual ainda não havia cura. Morre em Portugal, aos 33 anos, em 1900. *O Só* é considerado como “o livro mais triste que há em Portugal.” Não devemos ficar espantados com tanta tristeza porque vimos, em seu momento histórico, como é melancólica a visão de mundo do homem português no final do século XIX. Camilo Pessanha foi o poeta da dor; Antônio Nobre é o poeta da tristeza. Melhor diríamos, da saudade, ou dos dois sentimentos. A tristeza vem da percepção de que o mundo simples, rural, pueril, universo da infância, estava desaparecendo. O desaparecimento de tudo isso provoca a saudade, como veremos nos poemas seguintes. Pedimos aos alunos, mais uma vez, que façam uma primeira leitura de fruição.

CANÇÃO DA FELICIDADE

Felicidade! Felicidade!
Ai quem ma dera na minha mão!
Não passar nunca da mesma idade,
Dos 25, do quarteirão.

Morar, mui simples, nalguma casa
Toda caiada, defronte o mar;
No lume, ao menos, ter uma brasa
E uma sardinha pra nela assar...

Não ter fortuna, não ter dinheiro,
Papéis no banco, nada a render:
Guardar, podendo, num mealheiro
Economia prò que vier.

Ir, pelas tardes, até a fonte
Ver as pequenas a encher e a rir,
E ver entre elas o Zé da Ponte
Um pouco torto, quase a cair.

Não ter quimeras, não ter cuidados
E contentar-se com o que é seu,
Não ter torturas, não ter pecados,
Que, em se morrendo, vai-se prò céu!

Não ter talento suficiente
Para na vida saber andar,
E quanto a estudos somente
(Mas ai somente!) ler e contar.

Mulher e filhos! A mulherzinha
Tão loira e alegre, Jesus! Jesus!
E, em nove meses, vê-la choquinha
Como uma pomba, dar outra à luz.

Oh! Grande vida, valha a verdade!
Oh! Grande vida, mas que ilusão!
Felicidade! Felicidade!
Ai quem me dera na minha mão!

(NOBRE, s. d., p. 51)

SAUDADE

Saudade, saudade! Palavra tão triste,
E ouvi-la faz bem:
Meu caro Garrett, tu bem na sentiste,
Melhor que ninguém!

Saudade da virgem de ao pé do Mondego,
Saudades de tudo:
Ouvi-las caindo da boca dum cego,
Dos olhos dum mudo!

Saudades de aquela que, cheia de linhas,
De agulha e dedal,
Eu vejo bordando galeões e andorinhas
No seu enxoval.

Saudades, e canta, na torre deu a hora
Da sua novena:
Olhai-a, dá ares de Nossa Senhora,
Quando era pequena.

Saudades, saudades! E ainda que conta
(E sempre a bordar)
Que linda! “Quem canta seus males espanta”
E eu vou-me a cantar...

(NOBRE, s. d., p. 64)

SONETOS

Falhei na vida. Int! Ideais caídos!
Torres por terra! As árvores sem ramos!
Ó meus amigos! Todos nós falhamos...
Nada nos resta. Somos uns perdidos.

Choremos, abracemo-nos, unidos!
Que fazer? Por que não nos suicidamos?
Jesus! Jesus! Resignação... Formamos
No mundo, o claustro pleno dos vencidos.

Troquemos o burel por esta capa!
Ao longe, os sinos místicos da tropa
Clamam por nós, convidam-nos a entrar:

Vamos semear o pão, podar as uvas,
Pegai na enxada, descalçai as luvas,
Tens bom corpo, irmãos! Vamos cavar!

(NOBRE, s. d., p. 137)

Ó Virgens, que passais, ao sol poente
Pelas estradas ermas, a cantar
Eu quero ouvir uma canção ardente,
Que me transporte ao meu perdido lar.

Cantai-me nessa voz adolescente,
O sol que tomba, aureolando o mar,
A fartura da seara reluzente,
O vinho, a graça, a formosura, o luar!

Cantai! Cantai as límpidas cantigas!
Das ruínas do meu lar desaterrai
Todas aquelas ilusões antigas

Que eu vi morrer num sonho, como um ai...
Ó suaves e frescas raparigas
Adormeci-me nessa voz... Cantai!

(NOBRE, s. d., p. 128)

Se o aluno bem observou ao ler os poemas, viu que predominou em todos eles o sentimento de rejeição do presente com a conseqüente saudade do passado e, sobretudo, da infância. Lendo bem o primeiro poema – *Canção da Felicidade* – descortinamos a ideia do retorno às coisas mais simples da vida como caminho para ser feliz. O poeta proclama-se infeliz: Se ele deseja a felicidade, no verso Ai quem me dera na minha mão! é porque não a tem. Para ser feliz, na sua visão de mundo é preciso não ter a posse das coisas materiais. Observe a repetição da expressão Não ter ao longo do poema. Observe as expressões que complementam o não ter: não ter fortuna, não ter dinheiro, não ter papéis no banco, não ter quimeras, não ter cuidados, não ter torturas, não ter pecado, não ter talento suficiente. Eis aí a vida despojada de problemas, feliz. O texto é de uma grande beleza e na sua proposta de felicidade, revela o desconforto do poeta com a realidade do seu tempo. É sempre, em pauta, o desgosto do homem do final do século XIX. O aluno pode ler também o poema apontando as palavras que se referem à simplicidade absoluta. Em oposição ao não ter, o ter é o mínimo: uma casa caiada defronte o mar, uma brasa, uma sardinha, uma economia pro que vier. Quantas as ações para ser feliz, elas estão expressas pelos verbos e seus complementos: ir pelas tardes, até a fonte, ver as pequenas e o Zé da Ponte, contentar-se com o que é seu, saber andar, ler e cantar, ver a mulherzinha dar à luz. Que bela receita de felicidade! Lembram-se, caros alunos, quando mostramos no gráfico da introdução à aula passada que o simbolismo se volta para o romantismo e dá vez às emoções? Lembram-se também do gosto os românticos pela natureza? É o mesmo estado de alma dos simbolismos envolto pelo desgosto da vida presente.

No poema *Saudade* é explícita a referência no terceiro verso da primeira estrofe, ao grande escritor romântico Almeida Garrett cuja influência sobre Antônio Nobre é evidente. A isso os estudiosos chamam de neogarrettismo. O aluno pode ler o poema *Saudade* observando que os elementos da realidade objetiva, citados pelo poeta, remetem a um mundo provinciano, anterior à urbanização. O aluno pode ler o poema grifando as palavras que remeteu à simplicidade. Observe também que em harmonia com a simplicidade pro-

posta está também a simplicidade da linguagem em seu aspecto coloquial.

No soneto número 1 o eu lírico pede uma canção que o transporte ao seu querido lar, perdido no tempo, já em ruínas. É a nostalgia da casa paterna, é o desejo de resgate da infância, onde, possivelmente estaria a felicidade perdida.

Que bonito, não acham? Muitos de nós são também acometidos por essa saudade do que a vida levou. O mesmo sentimento se acha presente em *Meus oito anos*, de Casimiro de Abreu:

Oh! Que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras
Debaixo dos laranjais!

(INFANTE, 2001, p. 276)

O famoso soneto de Casimiro de Abreu se estende por várias estrofes e descreve a infância como a fase deliciosa da vida; nela está a beleza, a alegria, a doçura – a vida é um hino d’ amor. A perspectiva temporal é a do presente; e esse agora opõe-se ao passado feliz – em vez das mágoas de agora / eu tinha nessas delícias / de minha mãe as carícias / e beijos de minha irmã. Como Antônio Nobre também em Casimiro está presente a simplicidade da linguagem e das emoções – o que provoca saudade são as coisas simples da primeira fase da vida. Casimiro de Abreu pertence à segunda geração do Romantismo brasileiro, cujos poetas “estão voltados para a própria individualidade, preocupando-se com a expressão de seus sentimentos e frustrações.” (INFANTE, 2001, p. 265)

Por fim pedimos ao aluno que faça uma leitura do segundo soneto levando em conta o tema da frustração com os ideais. O poema é extremamente representativo da ideia do fracasso, da derrota, do pessimismo. Aqui é o momento de relacionar o texto com o contexto histórico, estudado na aula passada. O aluno deve lembrar que a geração simbolista surgiu do desencanto com relação aos ideais realistas, e se integra ao grupo dos Vencidos da Vida.

No último terceto, entretanto, vem a solução, e ela é telúrica: semear o pão / podar as uvas / pegar na enxada / cavar. A terra pode salvar o homem derrotado. É o antídoto para a frustração existencial. Retorno ao paraíso perdido, à infância, ao passado, às coisas simples, à terra. E a terra é Portugal, por isso, Antônio Nobre é considerado o simbolista lusitano,

menos europeu do que Camilo Pessanha. Estamos diante de uma obra singular, diferente, que revela um poeta inovador da linguagem poética do século XIX.

CONCLUSÃO

A poesia simbolista portuguesa traduz o estado de alma do homem lusitano no final do século XIX. Os textos revelam o trânsito entre literatura e contexto histórico. Não podemos esquecer que acontecimentos históricos adversos como o Ultimato inglês sobre Portugal, que provocou a crise da monarquia com efeito dominó para outras áreas, provocaram um desencanto sobre a nação. A geração simbolista é o produto estético dessa decepção do indivíduo com a realidade. Esse sentimento se coaduna também com a morte dos ideais revolucionários da geração de 1870 – a geração realista. Assim, a dor que Camilo Pessanha expressa em seus poemas e a saudade do passado, de Antônio Nobre, estão profundamente ligadas ao momento histórico. Em pauta a teoria da correspondência: a adversidade da realidade histórica encontra a equivalência no mundo espiritual: a dor / a saudade. Profundamente espiritual e humana, a poesia simbolista portuguesa transcende o tempo e o espaço e estende sua influência para as gerações seguintes.

RESUMO

A poesia simbolista portuguesa tem principais representantes: Eugênio de Castro, Camilo Pessanha e Antônio Nobre. O primeiro é considerado o introdutor do simbolismo, mas no todo de sua obra poética não se firmou como um grande representante. Quem ocupa essa posição é Camilo Pessanha, o poeta da dor. Antônio Nobre, o poeta da saudade é, por sua vez, o poeta simbolista ligado à terra, à infância, às tradições lusitanas. Em todos três podemos conferir a beleza dos poemas e o papel crucial que desempenham na transformação / evolução da poesia em Portugal.

Espero, caros alunos, que a leitura dos poemas tenha sido prazerosa e tenha colaborado para o desenvolvimento da sua sensibilidade poética.





ATIVIDADES

Autor: Camilo Pessanha

Chorai, arcadas
Do violoncelo
Convulsionadas,
Pontes aladas
De pesadelo...

De que esvoaçam
Branco, os arcos...
Por baixo passam,
Se despedaçam
No rio, os barcos.

Fundas, soluçam
Caudais de choros.
Que ruínas, (ouçam)!
Se se debruçam
Que sorvedouro!...

Trêmulos astros...
Solidões lacustres...
Lemes e mastros...
E e os alabastros
Dos balaústres!

Urnas quebradas!
Blocos de gelos...
Chorai, arcadas
Despedaçadas
Do violoncelo.

(MOISÉS, 1976, p. 413-414)

Retorne ao início da aula e releia o poema. *Um Sonho*, de Eugênio de Castro. Escreva uma análise para o poema de Camilo Pessanha obedecendo ao roteiro proposto:

1º parágrafo – Resuma a análise do poema *Um Sonho*.

2º parágrafo – Compare os dois poemas.

3º parágrafo – Conclua.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Para a análise de poemas o aluno pode e deve valer-se de conhecimentos teóricos adquiridos nas disciplinas Teoria da Literatura I e II. É importante que o aluno se habitue a escrever as análises que fizer. Para isso deve dominar os recursos linguísticos aprendidos na disciplina Produção de Textos.

AUTOAVALIAÇÃO

Fui capaz de compreender o sentido dos poemas estudados? Entendi a importância do movimento simbolista para a poesia portuguesa? Consegui relacionar os textos com o contexto histórico? E com as características da estética estudada? Gostei dos poemas? Eles tocaram minha sensibilidade? O que tem sido a literatura para mim?



PRÓXIMA AULA

Na próxima aula estudaremos a poesia de Florbela Espanca, poetisa portuguesa que, embora do século XX, não se filiou a nenhum movimento estético.



REFERÊNCIAS

- ABDALA JÚNIOR, Benjamim. **História social da literatura portuguesa**. São Paulo: Ática, 1982.
- DE CASTRO, Eugênio. **Antologia**. Portugal: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1987.
- FIGUEIREDO, Carlos (Org.). **100 poemas essenciais da língua portuguesa**. Belo Horizonte: leitura, 2004.
- GOMES, Álvaro Cardoso. **Poesia simbolista**. São Paulo: Global, 1986.
- INFANTE, Ulisses. **Curso de literatura de língua portuguesa**. São Paulo: Scipione, 2001.
- MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa através dos textos**. 7. ed., São Paulo: Cultrix, 1976.
- NOBRE, Antônio. **Só**. Sintra: Europa-América, s.d.
- RODRIGUES, Antonio Medina et alii. **Literatura portuguesa**. São Paulo: Ática, 1994.
- SANCHES NETO, Miguel. (Org.) **Os 100 melhores sonetos clássicos da língua portuguesa**. Belo Horizonte: Leitura, 2008.